



# IX CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

## Portugal, território de territórios

---

ÁREA TEMÁTICA: Arte, Cultura e Comunicação [ST]

---

### **CIDADES E FESTIVAIS CULTURAIS: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES**

---

---

NUNES JUNIOR, Paulo Cezar

Doutorando em Sociologia - Cidades e Culturas Urbanas, Universidade Estadual de Campinas,  
paulonunes@unifei.edu.br

---



### Resumo

De cenário urbano ou bucólico, de caráter alternativo ou comercial, na área da música, das artes do corpo, da literatura ou do áudio-visual. Os festivais, sejam eles como forem, são um fenômeno contemporâneo em ascensão que gera interesses tanto no mundo da cultura quanto nas áreas a ela interligadas, a exemplo da economia, da comunicação e da política pública. Seu crescimento exponencial ao redor do mundo, a partir da década de 1990 vem gerando forte impacto na implementação de ações, formas de gestão e replicabilidade no setor. Entre os motivos deste incremento é possível citar, por exemplo, a maior sensibilização dos poderes políticos, que ocupam neste momento um lugar determinante no tocante à contribuição com recursos logísticos, técnicos e financeiros em para concretização destas atividades. Neste ínterim, embora os festivais tenham assumido hoje o papel do desenvolvimento econômico local como uma de suas facetas principais, outra série de sentidos e propostas no que tange à expressão das identidades culturais e estilos de vida foram desdobradas a partir deles, convertendo-os em um tema polissêmico e perpassado por diferentes retóricas, todas elas interessantes para pensarmos os discursos que envolvem e mediam sujeito e (re)formas urbanas.

### Abstract

There is no doubt that festivals in society have been playing different roles based on a variety of themes such as urbanized spaces, bucolic spaces, body art, literature and audio images. However, independently of those themes, the central idea in this article is: festival can be seen as a contemporary phenomenon which has been growing in both, cultural fields and spheres that calls the attention of the economic sector, policies designer and also the communication sector. The festival has function as a key element to facilitate the local investments considering the different dimensions that this sort of events provide. It is important to highlight that, in the opposite path, the festival also triggers relevant proposals related to cultural identities and life styles that have been always converted on polysemic themes that generate different rhetoric. It is important to point out that all rhetoric became a starting point to reflect how the subject is involved by the discourse, I mean, how the discourse has a sort of intervention on both, within the subject and on the reform of urbanized space.

Palavras-chave: Cidade, Cultura,, Festivais Culturais

Keywords: City, Culture, Art , Cultural Festivals

[COM0244 ]

## **Efemeridade e estabilização da cidade pelos festivais**

O festival media subjetiva e objetivamente os modos de vida das pessoas que deles participam e a eles atribuem valores de significação (Bennett et al., 2014). A experiência e os hábitos de consumo construídos em torno destes eventos podem projetar-se não só para outras manifestações - daí o caráter festivalizante assumido hoje pelas práticas culturais (Bennett et al., 2014) - mas também para a relação do sujeito com as demais esferas da vida. Seu cenário espetacularizado e efêmero cria e ao mesmo tempo reproduz um tipo de experiência que espelha outras esferas do cotidiano na cidade.

As sensações de tempo dilatado, de transbordamento, de fugacidade e efemeridade que mais facilmente são vivenciadas nos festivais culturais vão ao encontro da quebra do princípio forma / função urbana, e podem gerar um estado de exceção interessante. O aguçamento da percepção de liberdade e efemeridade presente nos festivais culturais fazem aqui uma potente combinação que num primeiro momento contesta a solidez característica das cidades, remetendo a eles o papel de desestabilizadores da ordem, de desestruturadores da rotina, de agenciadores de uma noção espaço-tempo diferente daquela vivenciada no dia-a-dia urbano. De acordo com Paula Guerra (2010), os festivais:

*(...) são importantes constituintes do estilo de vida moderno, urbano, jovem e esclarecido e também espaços de “consumo total”, onde estão evidenciadas as diferentes esferas de reprodução social (...). Pensar no jogo de sociabilidades do festival leva-nos a pensar na noção de “regime de exceção”, de descontrole (...) programado e organizado, sem que haja contradição nos termos. o desvio (sistematicamente) programado (Guerra, 2010: 22).*

Esta citação auxilia-nos a fazer um contraponto à ideia de descontinuidade presente neste primeiro significado dos festivais. A autora expõe aí uma controvérsia importante: ao mesmo tempo que eles funcionam como regime de exceção, são programados e organizados. Vendem a experiência metafórica da cidade como efemeridade programada, como um conjunto de excepcionalidades organizadas, uma vez que ela pode conter esta contradição - ser fugaz e descartável sem perder seu sentido estruturado - da mesma maneira que pode representar o somatório de diferentes velocidades (Virilio, 1984) no engendramento do espaço urbano.

Perfazendo o sentido oposto àquele da descontinuidade, e baseados na dinâmica social contraditória da qual o desenvolvido das cidades é partícipe, é preciso que consideremos então o festival como lógica operacional que simula a continuidade da dinâmica urbana. Vista sob um ângulo mais complexo, a experiência da vida na cidade é feita da acumulação da sequência, da combinação, da sobreposição de múltiplas efemeridades, espelhando o desenho comumente observado na montagem de programação cultural neste tipo de evento. Assim, se por um lado o festival pode representar a suspensão desta estrutura, por outro lado sua efemeridade é ela própria parte dela: fugaz, simultânea, descontínua, excepcional, tomada pela mesma contração espaço-tempo que perpassa as cidades na contemporaneidade.

Esta ambivalência pode contestar o caráter fugaz geralmente atribuído aos festivais: afinal de contas, eles transformam ou estabilizam o espaço urbano? Em que medida estes eventos modelam a cidade e suas (re)formas urbanas? Como eles mediam a relação sujeito - espaço urbano? Que processos de subjetivação

envolvem? Na medida em que os festivais culturais são hoje um fenômeno cada vez mais presente nos grandes centros, eles convertem-se dia após dia em fator decisivo na modelação da experiência na cidade. Eles criam determinadas maneiras de fruição do espaço urbano, baseados numa sucessão de acontecimentos que acabam funcionando de forma ambivalente como estabilizadores da descontinuidade.

### **Turismo, reformas urbanas e imagem de marca**

A construção de uma imagem de marca no Festival Estoril Jazz Festival em Portugal (Lourenço & Gomes, 2005), a função de âncora turística exercida pelo Festival de Ferrara na Itália (Transforini, 2002) e os impactos econômicos do Festival de Cinema de Valladolid na Espanha (Fernandéz, 1996) conjugam três das principais retóricas associadas atualmente ao tema dos festivais culturais: imagem, turismo e valor econômico. A origem de eventos desta natureza quase não acontecem agora em contextos políticos de resistência. Sua partilha passa a ser celebrada a partir dos requisitos de potencial turístico e econômico que a cidade tem a engendrar, e não mais necessariamente pela ritualística da comunidade, característica do sentido tradicional destes tipos de eventos.

Estas enunciações inauguram-se especialmente durante a década de 1960, quando a cultura ocupa um lugar estratégico na dinamização sócio econômica dos territórios. Aliada ao tema da regeneração urbana, além de redesenhar o imaginário das cidades pós 2ª Guerra, a cultura passa a ser artigo de grande necessidade para as novas agendas da política pública urbana. Se em um primeiro momento, durante a década de 1970, o “conceito de revitalização urbana é veiculado principalmente através dos temas da preservação histórica e do turismo” (Kara José, 2007: 47), numa segunda fase o resgate das festas populares, festivais culturais e outras iniciativas do gênero passam a figurar como catalisadores dos projetos na área.

Não por acaso, as décadas de 1980 e 1990 coincidem com a grande fase de multiplicação dos festivais culturais cidades afora (Frey, 2000; Fouccroulle, 2009), acoplando a discursividade da cultura no desenvolvimento socioeconômico associado ao turismo. Vinculado ao discurso da regeneração e das reformas urbanas, o mercado dos festivais culturais passa a criar a partir daí uma série de sentidos discursivos para consagrar a cidade em seu processo de *turistificação* e consequente construção de uma imagem de marca.

A cultura passa a ser percebida de forma definitiva como um importante setor produtivo ligado à competitividade das cidades no mercado da atração de investimentos, evidenciando-a como pauta de trabalho na agenda de inúmeras organizações internacionais. O mapa info-imagético que apresenta as 116 cidades eleitas para integrar a rede de cidades criativas da Unesco (Unesco, 2016.) é exemplar para a discussão deste caso. A retórica nele construída soma-se mais ao discurso desenvolvimentista do turismo e da festivalização da cidade, uma vez que os critérios de montagem deste circuito decaem inadvertidamente no tema das práticas culturais, festivais e manifestações populares, tal como ocorre com é o caso de duas cidades portuguesas: Idanha-a-nova, realizadora do Boom Festival e Óbidos, cidade promotora o Folio - Festival Literário Internacional.

Por tudo isso é possível afirmar que para além do papel simbólico construído em torno de seus campos políticos e institucionais mais clássicos (Besançon, 2000), os festivais engendram hoje uma economia política essencialmente definidora da organização das (re) formas urbanas, e por isso mesmo “não constituem-se mais necessariamente de um modelo artesanal de organização, baseado em características

sociais e intelectuais de ciclos restritos, mas compõe-se sobretudo de modos de fazer mais complexos e de maior estrutura de produção” (Guerra, 2010: 177).

## **Cruzamentos**

Mais do que fecharem-se em si próprios ou atuarem na construção de um mecanismo que possa encerrar os festivais culturais dentro deste ou daquele significado ou com esta ou aquela função dentro da dinâmica das cidades e das modos de vida urbanos, todos os pontos apresentados tem o papel de abrir um debate que é por si só polissêmico, poroso e inacabado. Ao discutir as retóricas que anunciam, justificam e questionam os festivais culturais percebemos que elas representam na verdade o cruzamento de várias cadeias discursivas que operam na modelação dos ambientes socioculturais e das (re) formas urbanas. Resgatando Bennett et al. (2014) para um olhar mais ampliado, é possível dizer que a reinvenção constante dos formatos de eventos e os processos ininterruptos de festivalização da cultura ensejam-se hoje como expressões das novas formas de consumo do sistema capitalista, que tem como uma de suas questões fundamentais a garantia de eficácia do processo produtivo. Como algo de caráter efêmero pode funcionar como estabilizador da dinâmica urbana? O desafio de pensar os festivais culturais nesta ativação sugere-nos uma resposta a esta questão paradoxal: eles não manifestam-se apenas como ruptura, mas podem são sobretudo fenômenos de continuidade da lógica de desenvolvimento das cidades baseada na efemeridade. Isso implica em dizer tais eventos assumem hoje um papel simbólico para o controle das contradições presentes no desenvolvimento do espaço urbano, na medida que apresentam-se em intervalos sociais validadores da exceção, seja pela sobreposição de atividades, seja pelo idílico manifesto no imaginário urbano, seja pelo cenário-oásis e outras várias ações alçadas na batalha por experiências mais significativas.

A conjugação dos pontos aqui apresentados nos revelam pistas importantes para pensarmos possíveis respostas ligadas direta ou indiretamente a esta questão. Cruzamentos múltiplos que fazem dos festivais um objeto de investigação interessante para a refletirmos sobre o imaginário no desenvolvimento das grandes cidades e modos de vida urbanos. Questões e estratégias concretas que suscitam encontros, mediações e trocas ininterruptas, fazendo deles um objeto retórico constantemente em aberto.

## **Referências**

- Bennett, A.; Taylor, J.; Woodward, I. (2014). *The Festivalization of Culture*, Farnham: Ashgate.
- Besançon, J. (2000) *Festival de Musique - Analyse Sociologique*. Paris: L'Harmattan.
- Fernández, M. D. (2006). *El Impacto económico de los festivales culturales - El caso de la Semana Internacional de Cine de Valladolid*. Madrid: Fundación Author.
- Ferreira, C. (2010). Cultura e regeneração urbana: novas e velhas agendas da política cultural para as cidades, *Tomo*, 16.
- Frey, B. S. (2000). *La economía del arte*. La Caixa, Colección Estudios Económicos, nº 18, Barcelona.
- Guerra, P. (2016, forthcoming) - Cerimónias de prazer: ensaio de uma abordagem à música em ato nos festivais de verão. *Etnográfica*.

Tickle, L. (2015). Music festivals: the sound of escapism. *The Guardian*. 2001. Disponível: <http://www.theguardian.com/education/2011/jul/18/music-festivals-research>. Acesso em: 13/fev./2015.

Trasforini, M. A. (2002). “The immaterial City - Ferrara, a Case Study of Urban Culture in Italy”. In: Crane, D. et all. *Global Culture. Media, arts, policy and globalization*. Nova York: Routledge.

Unesco (2016). Creative Cities Network. Disponível: <https://en.unesco.org/creative-cities/home>. Acesso em: 03 / jun / 2016.